



Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília
Campus São Sebastião
Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa

THAIS ALMEIDA DE OLIVEIRA

O SEGUNDO JULGAMENTO:
Capitu, Luísa Sonza e a condenação das insubmissas

Brasília
2025

THAIS ALMEIDA DE OLIVEIRA

O SEGUNDO JULGAMENTO:

Capitu, Luísa Sonza e a condenação das insubmissas

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso Superior de Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras - Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Me. Sigridi Suzelei Alves

Brasília

2025

THAIS ALMEIDA DE OLIVEIRA

O SEGUNDO JULGAMENTO:

Capitu, Luísa Sonza e a condenação das insubmissas

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso Superior de Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras - Língua Portuguesa.

Aprovado em 03 de dezembro de 2025

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. M^a Sigridi Suzelei Alves - Orientadora

Prof^a. M^a. Priscila Cardoso Vieira

Prof^a. Dr^a. Juliana Estanislau de Ataíde Mantovani

Brasília
2025

Tudo o que os homens escreveram sobre as mulheres deve ser suspeito,
pois eles são, a um tempo, juiz e parte.

POULAIN DE LA BARRE

RESUMO

Este artigo propõe uma análise da personagem Capitu, de *Dom Casmurro*, investigando sua construção e sua relação com as questões de julgamento, ambiguidade e resistência, à luz de releituras contemporâneas que deslocam o foco da dúvida sobre sua fidelidade para uma reflexão crítica sobre o lugar que historicamente tem sido imposto às mulheres e que se perpetua até os dias atuais. Através dessa perspectiva, o estudo estabelece um diálogo com a trajetória da cantora brasileira Luísa Sonza, evidenciando a permanência da lógica patriarcal que transforma a mulher em alvo de vigilância, culpa e punição, independentemente de sua conduta. Assim, Capitu e Luísa, separadas por mais de um século, tornam-se espelhos por serem mulheres que, ao recusarem o lugar de submissão, passam a ser moralmente sentenciadas. A análise propõe, portanto, uma reflexão sobre a continuidade dos dispositivos de controle simbólicos do feminino e sobre narrativas que reescrevam o lugar da mulher na cultura brasileira. Esse diálogo tem como fundamentação teórica a crítica feminista, como Simone de Beauvoir e Ana Maria Colling, e a crítica literária brasileira, como Antônio Cândido e Massaud Moisés. Sendo assim, o artigo analisa como a obra, precursora do realismo brasileiro, reflete as relações de poder e as construções de gênero, estabelecendo conexões com o Brasil contemporâneo.

Palavras-chave: Capitu; Resistência; Mulher; Literatura; Luísa Sonza.

Abstract: This article proposes an analysis of the character Capitu from *Dom Casmurro*, investigating her construction and her relationship with issues of judgment, ambiguity, and resistance, in light of contemporary reinterpretations that shift the focus from doubt about her fidelity to a critical reflection on the place that has historically been imposed on women and that continues to this day. Through this perspective, the study establishes a dialogue with the trajectory of the Brazilian singer Luísa Sonza, highlighting the persistence of the patriarchal logic that transforms women into targets of surveillance, guilt, and punishment, regardless of their conduct. Thus, Capitu and Luísa, separated by more than a century, become mirrors because they are women who, by refusing the place of submission, are morally judged. The analysis therefore proposes a reflection on the continuity of symbolic control mechanisms over the feminine and on narratives that rewrite the

place of women in Brazilian culture. This dialogue is theoretically grounded in feminist criticism, such as that of Simone de Beauvoir and Ana Maria Colling, and Brazilian literary criticism, such as that of Antônio Cândido and Massaud Moisés. Therefore, the article analyzes how the work, a precursor to Brazilian realism, reflects power relations and gender constructions, establishing connections with contemporary Brazil.

Keywords: Capitu; Resistance; Woman; Literature; Luísa Sonza.

INTRODUÇÃO

Machado de Assis é um dos maiores nomes da literatura brasileira. A sua obra é fundamental para compreender a evolução do pensamento e da escrita literária no Brasil. Com um estilo pertencente ao realismo, mas que antecipa o Modernismo ao adotar uma perspectiva narrativa inovadora e ao denunciar os vícios da sociedade burguesa de sua época, Machado de Assis constrói uma literatura que questiona as convenções sociais, as relações de poder e a ambiguidade das relações humanas. Nesse contexto, *Dom Casmurro* se destaca por promover um profundo questionamento sobre a moralidade, tornando-se uma obra chave para refletir sobre os julgamentos, as ambiguidades e as formas de resistência que envolvem figuras femininas como a de Capitu e que ainda ressoam na sociedade contemporânea.

A figura de Capitu, uma das personagens brasileiras mais complexas e enigmáticas, sempre foi um ponto de debate e análise na literatura brasileira. Sua complexidade, permeada pela ambiguidade e resistência, proporciona diferentes interpretações, especialmente no que diz respeito à maneira como dialoga com as mulheres brasileiras e o papel feminino, tanto para a sua época quanto para a contemporaneidade. Capitu transcende as páginas do livro, tornando-se um símbolo atemporal de resistência em uma história majoritariamente escrita por homens.

A partir disso, um dos propósitos fundamentais para essa análise foi o de examinar a invisibilidade histórica das mulheres, uma narrativa escrita predominantemente por homens, e como isso reflete na criação de personagens femininas, como Capitu que, muitas vezes, são marginalizadas ou estereotipadas. O artigo também pretende examinar brevemente a evolução da crítica literária feminista, abordando suas contribuições para a releitura da literatura brasileira e a forma como ela trouxe novas perspectivas sobre as personagens femininas que antes eram analisadas apenas sob uma ótica masculina patriarcal. Além disso, refletir sobre como vem sendo construído o padrão observado sobre a mulher e o adultério nos relacionamentos desde a Roma Antiga até os dias atuais.

Dessa maneira, este artigo visa fazer uma análise crítica sobre a figura feminina representada por Capitu, investigar como essa personagem reflete e

questiona os papéis tradicionais atribuídos às mulheres na sociedade e explorar as diversas interpretações sobre a moral e sobre o comportamento feminino.

Com a pretensão de evidenciar Capitu como uma personagem atemporal, será feita uma análise comparativa entre ela e a cantora brasileira Luisa Sonza, enaltecendo suas trajetórias de vida marcadas pela liberdade, pela resistência e pelo julgamento. Assim como, analisar discursos masculinos que se igualam ao de Bentinho, os quais reforçam estigmas e condenação social.

A escolha dos autores para essa pesquisa foi feita com base em escritores que abordam a pauta feminista como símbolo de resistência e que enfatizam o silenciamento das mulheres ao longo da história, possibilitando uma análise literária crítica da ambiguidade de Capitu.

1 - A invisibilidade da mulher na história: uma narrativa escrita por homens

Para discutir e analisar o papel feminino em uma obra clássica como *Dom Casmurro*, é necessária uma viagem no tempo e uma breve contextualização sobre a história da mulher.

A história, como conhecemos, foi escrita predominantemente por homens e, para enaltece-los, foram ofuscando e silenciando as mulheres de suas próprias narrativas. Essa construção histórica ignorou as experiências e contribuições femininas, universalizando o masculino enquanto o papel feminino era reduzido ao silêncio ou a papéis secundários: “A história das mulheres é uma história recente. Elas não poderiam escrever as suas experiências se estavam englobadas em um sujeito único universal, masculino. Tradicionalmente a mulher tem sido ignorada, excluída como objeto histórico.” (Colling, 2014, p. 12).

O papel feminino foi moldado por uma visão patriarcal que atribui às mulheres responsabilidades específicas e imutáveis, resumidas e definidas apenas como mães e esposas, encarregadas de cuidar do lar. Assim, essa definição atravessou o tempo e se perpetuou até os dias atuais, como pontua Ana Maria Colling:

As representações da mulher atravessaram os tempos e estabeleceram o pensamento simbólico da diferença entre os sexos: a mãe, a esposa dedicada, a "rainha do lar", digna de ser louvada e santificada uma mulher sublimada; seu contraponto, a Eva, debochada, sensual, constituindo a vergonha da sociedade. Corruptora, foi a responsável pela queda da humanidade do paraíso. Aos homens o espaço público, político, onde

centraliza-se o poder; à mulher, o privado e seu coração, o santuário do lar. Fora do lar, as mulheres são perigosas para a ordem pública. (COLLING, 2014, p. 24)

Essas representações históricas, profundamente enraizadas na cultura e na sociedade, reafirmam a ideia de que as mulheres estão destinadas a papéis específicos. Por um lado temos a mulher ligada à pureza e ao cuidado, por outro, surge a mulher associada ao pecado, à tentação e à ameaça da desordem social, como a figura de Eva, que carrega a culpa pela queda da humanidade, como retrata Simone de Beauvoir:

A mulher é, a um tempo, Eva e a Virgem Maria. É um ídolo, uma serva, a fonte da vida, uma força das trevas; é o silêncio elementar da verdade, é artifício, tagarelice e mentira; a que cura e a que enfeita; é a presa do homem e sua perda, é tudo o que ele quer ter, sua negação e sua razão de ser. (BEAUVOIR, 2009, p. 183)

Esses reflexos de gênero não são apenas reflexos de crenças passadas, mas continuam a moldar as expectativas sociais até hoje. São construções que não só determinam papéis, mas que também delimitam a possibilidade de mulheres se expressarem.

O questionamento dessas normas tem sido uma luta constante, uma busca pela desconstrução dessas imagens e pela reivindicação de um espaço mais amplo, com escolhas, e livre para as mulheres, um espaço no qual possam ser reconhecidas em sua totalidade, sem a necessidade de se ajustarem a esses moldes rígidos e, muitas vezes, opressores.

2 - Evolução da crítica literária feminista: contribuições, ondas e transformações

A história da literatura passou por um período de decadência com o surgimento da crítica e da teoria literária, no entanto, correntes literárias se desenvolveram no século XX revitalizando esses estudos, incorporando conhecimentos de áreas como a nova história e os estudos culturais, buscando estabelecer valores mais inclusivos, afastando-se da ideia de um cânone restrito a autores privilegiados, conforme destaca Cecil Jeanine:

Com o desprestígio do paradigma historicista, ocorrido no final do século XIX e início do século XX, a história da literatura entrou em decadência. Além do mais, nessa época, surgiram duas disciplinas que se propunham estudar a literatura de uma perspectiva menos globalizante, porém mais efetiva, são elas a teoria da literatura e a crítica literária. Se, por um lado, a linguística contribuiu para o questionamento do paradigma historicista, por outro, também ampliou o entendimento dos fatos sociais. (ZINANI, 2009, p. 409).

A crítica feminista, surgida na segunda metade do século XX, pode ser entendida por meio de duas vertentes principais: uma busca recuperar as obras de autoras negligenciadas ao longo do tempo, e a outra busca revisitar textos literários, independentemente do autor, para examinar a experiência feminina, analisando as temáticas e os elementos patriarcais presentes nas obras. Sendo assim, é evidente a crítica literária feminista desempenha um papel essencial na construção de uma nova história da literatura, levando a perspectiva de gênero em consideração.

Historicamente, essa crítica acompanhou a evolução do movimento feminista, dividindo-se em três ondas. A primeira, no final do século XIX e no início do século XX, foi marcada pela luta em prol dos direitos das mulheres pela publicação de obras como *A Vindication of the Rights of Woman* (1792) de Mary Wollstonecraft. A segunda, após 1949, foi impulsionada pela obra *O Segundo Sexo* de Simone de Beauvoir, que discutiu a subordinação feminina e a construção da identidade de gênero. A terceira, a partir de 1990, de forma mais ampla procurou desconstruir as ideologias tradicionais, abrindo novas possibilidades para a interpretação e a escrita literária, focando na identidade de gênero e no poder das representações femininas.

Essa evolução, como já foi dito, reflete diretamente em uma análise de obras como *Dom Casmurro*, propondo uma revisão da visão de Bentinho, personagem principal e narrador do livro. Destacando como as mulheres são representadas de forma subalterna e como suas trajetórias são frequentemente moldadas pela insegurança masculina e, ao aplicar essa perspectiva, a obra revela a influência das ideologias patriarcais na construção dos personagens femininos e nas relações de poder entre os gêneros. Assim, Capitu, ao fugir do papel imposto para uma mulher, se torna uma personagem atemporal.

3 - Machado de Assis e o Realismo Brasileiro: estilo, estética e criação literária

Machado de Assis (1839 - 1908) foi, e continua sendo até os dias atuais, um dos maiores nomes da literatura brasileira, como observa Antonio Candido “[...] aos cinqüenta anos era considerado o maior escritor do país, objeto de uma reverência e admiração gerais, que nenhum outro romancista ou poeta brasileiro conheceu em vida, antes e depois dele” (Cândido, 2004, p. 16). Suas obras atravessam diferentes fases, mas é com o realismo que Machado atingiu sua maturidade artística.

Em 1885, com *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, deu início a sua fase realista no Brasil que, diferentemente do Realismo europeu, com sua singularidade, não se prendeu apenas à descrição objetiva da sociedade, mas mergulhou profundamente na psicologia de seus personagens, utilizando a ironia, a ambiguidade e os narradores não confiáveis para explorar os conflitos humanos e sociais de forma crítica e sutil.

Em *Dom Casmurro*, o seu romance mais conhecido, Machado de Assis apresenta a história a partir da perspectiva de Bentinho que narra suas memórias marcadas pela suspeita da infidelidade de sua esposa, Capitu. O que chama a atenção é o fato de a narrativa ser totalmente conduzida pela voz masculina do protagonista, que detém o controle do discurso e da interpretação dos fatos. Capitu, embora seja uma figura central da trama, não tem espaço para se defender ou apresentar a sua versão dos acontecimentos. Essa ausência de voz é intencional e estratégica. Machado cria um narrador que convida o leitor a desconfiar de suas palavras, ao mesmo tempo em que o envolve com sua retórica persuasiva.

Essa obra é tão complexa e aberta a tantas interpretações que permanece por mais de um século como objeto de intensos debates, sobretudo sobre a figura enigmática de Capitu e da sua suposta infidelidade. Essa permanência no centro das discussões literárias revela não apenas a genialidade narrativa de Machado, mas também a abertura da obra para múltiplas leituras que dialogam com os contextos históricos e sociais de cada época.

Nos últimos anos, especialmente com o avanço das pautas feministas e dos estudos de gênero, *Dom Casmurro* passou a ser relido sob uma perspectiva crítica que questiona a ausência de voz feminina na narrativa e o modo como Capitu é julgada exclusivamente a partir do olhar masculino de Bentinho.

Essa releitura encontra respaldo em uma concepção contemporânea da crítica literária que entende o estudo das obras do passado como um processo contínuo de revisão e ressignificação. Como afirma Massaud Moisés:

A missão da história e da crítica literária consiste, como se sabe, num trabalho permanente de revisão do passado, com vistas a uma avaliação mais correta da sua herança para gerações futuras, quando novos instrumentos analíticos e novos métodos de investigação textual vieram a ser postos em circulação, dando origem a novos paradigmas e novos julgamentos, que serão por sua vez reexaminados, e assim por diante. Para o que nos interessa no momento, é significativo o reestudo que se vem processando no nosso patrimônio literário, especialmente na época do realismo. (MASSAUD, 2001, p. 21)

Assim, essa obra permanece nos debates atuais, evidenciando que o discurso masculino frequentemente prevalece e a voz feminina segue sendo questionada ou ignorada. Portanto, a obra de Machado de Assis, escrita no século XIX, revela-se atual ao denunciar de forma sutil a desigualdade de gênero na construção das narrativas. Retomar *Capitu* é uma forma de dar visibilidade a essas vozes silenciadas, promovendo uma reflexão crítica sobre como a literatura pode ser uma ferramenta de resistência e transformação social.

3.1 - *Dom Casmurro* e a construção da personagem feminina

O romance é um dos maiores exemplos do realismo no Brasil e é reconhecido por sua narrativa complexa, personagens profundos e temas que atravessam a época. No entanto, a obra se destaca principalmente pela maneira como o autor constrói a história, a partir de uma estrutura única de um narrador desconfiável e de uma constante incógnita sobre a verdade.

A construção de *Dom Casmurro*, como foi dito, está fortemente ligada à escolha do narrador Bentinho, o protagonista. O romance é narrado em primeira pessoa, de modo que o leitor só tem acesso à história sob a perspectiva de Bentinho, o que coloca em dúvida a verossimilidade do relato. Ele, um homem já envelhecido, se volta ao passado e começa a contar sua história com o objetivo de, como ele mesmo diz, “justificar” a sua solidão e o sofrimento que o acompanharam ao longo da vida. Essa narrativa, cheia de dúvidas, lembranças e interpretações pessoais, demonstra seu desejo de chamar a atenção para si, na tentativa de

conquistar confiança e manipular um possível julgamento, principalmente quando se direciona ao leitor, como pode ser percebido logo no início da obra:

Não consultes dicionários. Casmurro não está aqui no sentido que eles lhe dão, mas no que lhe pôs o vulgo de homem calado e metido consigo. Dom veio por ironia, para atribuir-me fumos de fidalgo. Tudo por estar cochilando! Também não achei melhor título para a minha narração; se não tiver outro daqui até ao final do livro, vai este mesmo. (Assis, 1975, p. 14)

O próprio nome “Dom Casmurro” já carrega um caráter enigmático e sugere a ideia de uma pessoa fechada, teimosa e amargurada, que Bentinho se torna devido a uma série de eventos e uma relação conflituosa com sua esposa, Capitu.

Bentinho, como narrador, busca sempre justificar suas ações, demonstrando, acima de tudo, a sua obsessão por Capitu e seu interesse por convencer o leitor da veracidade de sua história. Ele demonstra ciúmes, possessividade e uma possível visão distorcida da realidade quanto ao que se refere à relação de Capitu com o seu melhor amigo, Escobar. Algo que se torna sugestivo para o leitor por não ter acesso ao outro ponto de vista e a versão da própria Capitu. Esse fator importante cria uma tensão no romance e levanta a grande questão: será que os fatos aconteceram realmente como Bento Santiago relata ou ele está interpretando tudo sob a perspectiva da obsessão e da vingança?

3.2 - Capitu: uma representação de ambiguidade e julgamentos

Dom Casmurro é uma obra que se constrói na ótica do narrador em primeira pessoa e, conforme a intenção do autor, apresenta uma representação feminina que contraria os padrões da época. A mulher, Capitu, se destaca por resistir à submissão e à falta de voz, desafiando as expectativas impostas pela sociedade. Dessa forma, Machado de Assis nos apresenta uma personagem que, ao se contrapor ao papel social a ser desempenhado, é acusada por seu marido, Bento Santiago, de traí-lo, comportamento que nesse momento histórico era completamente abominável para uma mulher. Ainda hoje, essa postura feminina continua sendo alvo de julgamento, enquanto atitudes semelhantes por parte dos homens seguem sendo naturalizadas. A narrativa, dessa forma, revela uma visão que concentra o poder e representa a mulher de maneira distorcida e negativa. Nesse sentido, a mulher é submetida a representações normativas por práticas sociais e discursivas que legitimam

estruturas patriarcais, isso faz com que a figura feminina, como objeto desejado, consumido e narrado, coexista com a mulher que atua como agente do discurso.

Por outro lado, o discurso de Bento Santiago nunca é neutro, está sempre utilizando estratégias que manipulam os meios de representação, algo que faz parte das habilidades de sua profissão, já que é advogado. Esse fato faz com que seja o único controlador responsável por narrar os fatos, refletindo na construção onde a visão de mundo é filtrada através de sua amargura e desconfiança.

Para Bakhtin (1986) o ser humano é um ser discursivo, que se gesta em cenários discursivos, e não em situações de fala. Esse ser discursivo se constitui ouvindo os discursos de outrem. Assim, o discurso é fronteiro entre o que me é particular e entre aquilo que assimilo e incorporo do discurso do outro. Instaura-se o conceito de dialogismo. (Souza, 2008, p.5).

O comportamento de Capitu, relatado por Bentinho sobre sua esperteza desde muito nova, é o principal motivo que alimenta a ideia de que Capitu é culpada. Desde o início, antes de culpá-la abertamente, Bentinho já prepara o leitor na tentativa de manipular opiniões, mostrando tanto sua opinião quanto a de terceiros, como a de José Dias, que a descreve e a julga de uma maneira que, futuramente, é conveniente para a acusação: “Capitu, apesar daqueles olhos que o diabo lhe deu... Você já reparou nos olhos dela? São assim de cigana oblíqua e dissimulada. Pois, apesar deles, poderia passar, se não fosse a vaidade e a adulação.” (Assis, 1975 p. 47). Mais a frente, no capítulo XXXII, intitulado como *Olhos de ressaca*, ao reparar nos olhos de Capitu, Bentinho busca reforçar e reafirmar a visão de José Dias.

Olhos de ressaca? Vá, de ressaca. É o que me dá idéia daquela feição nova. Traziam não sei que fluido misterioso e enérgico, uma força que arrastava para dentro, como a vaga que se retira da praia, nos dias de ressaca. Para não ser arrastado, agarrei-me às outras partes vizinhas, às orelhas, aos braços, aos cabelos espalhados pelos ombros; mas tão depressa buscava as pupilas, a onda que saía delas vinha crescendo, cava e escura, ameaçando envolver-me, puxar-me e tragar-me (Assis, 1975, p.85).

A expressão “olhos de ressaca” carrega uma metáfora rica em simbolismo, refletindo a ambiguidade da personagem. Essa metáfora remete tanto à ressaca do mar, com o seu movimento forte, perigoso e traiçoeiro, quanto a um estado físico e emocional associado à sensação de perda e descontrole. Essa imagem traduz a intensidade do olhar de Capitu, capaz de intimidar, prender e causar medo e, ao

mesmo tempo, ser irresistível. Além disso, a figura dos olhos como um olhar penetrante e revelador também simboliza a manipulação e a sedução.

Apesar das diversas descrições dos personagens, em nenhum momento os olhos são apresentados diretamente; temos apenas as impressões que eles provocam em diferentes personagens, o que contribui mais para definir a percepção dos outros sobre Capitu do que para revelar sua essência real.

Ao descrever a astúcia de Capitu, o narrador assume que “Capitu era Capitu, isto é, uma criatura mui particular, mais mulher do que eu era homem. Se ainda o não disse, aí fica. Se disse, fica também. Há conceitos que se devem incutir na alma do leitor, à força de repetição.” (Assis,1975, p. 55). Essa descrição revela a complexidade de seu relacionamento com Capitu, expressando tanto sua admiração quanto sua insegurança, pois apesar de ser homem, sente-se inferior e impotente diante da natureza indomável de Capitu. Assim como sugerindo a força e a capacidade de influenciar que ele mesmo não tem.

Ainda sobre essa descrição, é possível identificar a singularidade de Capitu como mulher de sua época, sugerindo que ela possui uma personalidade e um comportamento que não se encaixam nos padrões convencionais e desafia a visão tradicional, dominando os jogos emocionais e manipulando situações a seu favor, o que alimenta o enigma da obra.

Ao afirmar que “*Há conceitos que se devem incutir na alma do leitor, à força de repetição.*” (Assis,1975, p. 55), Bentinho revela a sua própria capacidade de manipular o leitor, preparando-o para o desfecho da história que está a contar. A frase implica que ele entende o poder da repetição em prol da persuasão para moldar opiniões e reforçar suas crenças, revelando uma das características fundamentais da narrativa.

O episódio mais marcante da relação entre Bentinho e Capitu, o primeiro beijo, é descrito de maneira muito apaixonante. Ao terminar de pentear os cabelos de Capitu, Bentinho descreve a cena e tudo o que o ocorrido lhe causou emocionalmente.

Capitu derreou a cabeça, a tal ponto que me foi preciso acudir com as mãos e ampará-la; (...) não levantou a cabeça, e ficamos assim a olhar um para o outro, até que ela abrochou os lábios, eu desci os meus, e... Grande foi a sensação do beijo; Capitu ergueu-se, rápida, eu recuei até a parede com uma espécie de vertigem, sem fala, os olhos escuros. Quando eles me clarearam, vi que Capitu tinha os seus no chão. Não me atrevi a dizer nada; ainda que quisesse, faltava-me língua. Preso, atordoado, não achava gesto

nem ímpeto que me descolasse da parede e me atirasse a ela com mil palavras cálidas e mimosas...” (Assis, 1975 p. 60).

A atitude de Capitu de derrear a cabeça e manter o olhar fixo em Bentinho a tira da posição de recatada, se mostrando uma mulher de atitude, algo que tradicionalmente deveria ser uma característica masculina. A cena do beijo tem um simbolismo muito forte, para Bentinho foi um gesto e uma confirmação de seu amor, mas também representa o início de sua obsessão por ela como mulher e a construção de uma idealização que logo se transformará em desconfiança. Após o beijo, quando a mãe de Capitu entra na sala, Bentinho descreve sua reação e a de Capitu de maneira completamente opostas, como em outras situações no decorrer da obra. Capitu se comporta naturalmente, mostrando dominar e manipular a situação, sendo cínica e ardilosa. Já Bentinho se perde no silêncio, age indiferente e se vê completamente rendido pelo acontecido. Essa diferença na percepção dos dois personagens é fundamental para entender o desenrolar da trama, definindo o contraste entre uma personalidade ingênua e uma manipuladora.

Ao analisar esses trechos, a intenção não é concluir se Capitu traiu ou não traiu Bentinho, e, sim, evidenciar que Capitu foi julgada muito antes de se relacionar com Bentinho, primeiro por José Dias, depois pelas constantes conclusões que o narrador expõe sobre cada comportamento de Capitu, por fugir do “papel feminino”. Tal como evidenciar o constante vitimismo de Bentinho ao se colocar o tempo todo como manipulado e influenciado por Capitu, associando sua desconfiança à forma como ela domina os seus sentimentos e as suas decisões, ainda que ele mesmo se coloque nesse papel de submisso a todos desde o início da obra, se mostrando alguém fraco e suscetível.

Diante de todas as acusações que recaem sobre Capitu, o que se revela não é apenas uma mulher aprisionada pelo olhar paranoico de Bentinho, mas, sim, a estrutura simbólica de uma sociedade patriarcal que se encontra na mulher, principalmente na mulher astuta, independente e ambígua. Como foi dito, a intenção deste artigo não é afirmar se houve ou não um adultério e, sim, destacar que, embora essa seja a questão central que sustentou mais de um século de discussões sobre a obra, é irrelevante, pois é apenas um pretexto para silenciar e desmoralizar uma mulher que ultrapassou os padrões, ou seja, traindo ou não traindo, Capitu seria condenada da mesma maneira apenas por não ser a mulher ideal para engrandecer o ego masculino.

Ainda, para reforçar que essa atitude só é inaceitável quando vinda de uma mulher, é possível se voltar para uma análise do desfecho da história da personagem Luísa, do livro *O primo Basílio*, que tem uma morte simbólica e moral por culpa e medo de que seu marido descobrisse a sua infidelidade, enquanto Basílio segue a sua vida livre de julgamentos.

4 - O adultério e o controle de gênero: da Roma Antiga à atualidade.

Desde os tempos da Roma antiga, o adultério tem sido um tema que expressa distinções marcadas por gênero, com consequências profundas, principalmente para a mulher, dentro de uma estrutura patriarcal.

A concepção de *adulterium* do latim clássico expressa elementos estruturais comuns às sociedades patriarcais e, neste sentido, significa a relação extramatrimonial da esposa. Dessa forma, podemos inferir que, na sociedade romana, o adultério só existia no estabelecimento de uma relação sexual entre uma mulher casada e um homem que não fosse seu marido. Ambos os sujeitos da ação, a mulher casada e o seu amante, eram denominados adúlteros. (AZEVEDO, 2017, p. 26).

Nesse contexto, a "Lei Júlia sobre Adultério" (*Lex Iulia de adulteriis*), promulgada por Augusto, fundador e primeiro imperador do Império Romano, em 18 a.C., refletia uma visão clara da sexualidade feminina como um pilar da ordem social e política, colocando o adultério feminino não apenas como um ato de transgressão moral, mas uma ameaça à estabilidade do império. Essa lei, não só criminalizava o adultério feminino, mas, também, buscava extinguir a mulher da sociedade, muitas vezes forçando-a a se transformar em prostituta ou a ser expulsa da vida pública. Assim, a sexualidade feminina era controlada por um sistema patriarcal que regulava não apenas as escolhas pessoais, mas também as ações da mulher no domínio público e privado. Além disso, o sistema legal romano refletia um investimento na preservação da honra masculina, enquanto a mulher, ao violar a fidelidade conjugal, era vista como uma transgressora que necessitava ser punida severamente com o exílio ou até com a própria morte.

Por outro lado, o adultério masculino desde sempre foi naturalizado. A ideia de que o homem é naturalmente propenso à infidelidade era amplamente aceita não apenas na cultura romana, mas, também, em muitas sociedades contemporâneas. Então, esse duplo padrão que atravessou séculos, em que a infidelidade do homem

é muitas vezes esperada e perdoada, enquanto a mulher é julgada severamente, resulta na legitimação da violência contra a mulher.

Já no Brasil, o ato de cometer adultério era considerado crime, previsto no Código Penal Brasileiro, o artigo 240 da Lei 2848, de 1940, onde previa punição para o traidor e também para o(a) amante.

Na prática, durante todo esse tempo só constituiu crime efetivamente quando foi cometido por mulheres, mostrando haver uma lacuna entre o que está sedimentado nos códigos e as práticas sociais. A infidelidade masculina é, quase sempre, senão vista com bons olhos, pelo menos tolerada. A mulher, por sua vez, historicamente foi sempre execrada quando esteve envolvida nesse tipo de situação. A Lei 6.515 de 26 de dezembro de 1977, nos seus artigos 5 e 10, dizia que a mulher adúltera deveria perder a guarda dos filhos em caso de separação judicial. Vemos assim que, em pleno final do século XX, continuou produzindo consequências a tradição que vê no adultério feminino algo quase imperdoável e no adultério masculino apenas um desvio de conduta sem maiores consequências. (DE SOUZA; DE BRITO; BARP, 2009, p. 15).

Embora esse crime tenha sido revogado pela Lei 11.106/05, publicada no Diário Oficial da União em 29 de março de 2005, a condenação social permanece até os dias atuais, em que a mulher é vítima de agressões e feminicídios por seus parceiros, ou condenadas moralmente pela sociedade, pela família, nas ruas ou nas redes sociais.

Um exemplo nítido desse padrão que permanece e que pode ser observado nas relações atuais, é o caso da cantora Luísa Sonza, que após ser acusada, sem provas, de traição em um relacionamento público, foi extremamente atacada e vítima de um forte linchamento digital. Com os ataques, não apenas a culpavam pela traição, mas a estigmatizavam como um ser moralmente inferior. Essa situação reflete a mesma lógica observada na Roma Antiga, onde a mulher é expurgada por transgredir normas sexuais, e o homem, embora igualmente culpado, continua imune à condenação pública.

5 - Capitu na contemporaneidade

Ao analisar toda a complexidade de Capitu, é incontestável sua representação sobre questões universais e históricas sobre a mulher em uma sociedade patriarcal. Criada no século XIX, Capitu é julgada e definida pela visão de um homem sem que ela tenha a oportunidade de expressar sua própria voz. Essa dinâmica de controle e julgamentos refletem estruturas sociais que, apesar de mudanças ao longo do tempo, ainda se perpetuam na realidade de muitas mulheres contemporâneas.

Hoje, muitas mulheres enfrentam desafios semelhantes aos de Capitu: são rotuladas, silenciadas e/ou (pré)julgadas por seus comportamentos, principalmente quando demonstram autonomia, força e inteligência. Nesse sentido, Capitu deixa de ser apenas uma personagem literária e se torna um símbolo atemporal das batalhas que continuam a moldar a sociedade.

Ao aproximar Capitu de figuras femininas brasileiras, podemos vê-la representada em várias mulheres com trajetórias de vidas polêmicas, mas especialmente a Luísa Sonza. Embora separadas por mais de um século e por contextos distintos, compartilham um lugar simbólico: o de mulheres que, ao desafiarem expectativas sociais sobre o comportamento feminino, são rapidamente convertidas em alvos de suspeita, julgamento e condenação pública, sejam nas insinuações de *Dom Casmurro* ou nos comentários agressivos que ultrapassam as redes sociais. O que se observa é a persistência de uma lógica que não exige provas para uma condenação, basta que ela não corresponda ao ideal de uma mulher submissa.

5.1- Capitu e Luísa Sonza: mulheres do ano

Em 2014, a cantora Luísa Sonza começou a ser reconhecida após criar um canal no Youtube, no qual fazia cover de músicas de outros artistas com voz e violão. Atualmente, é uma artista pop que transita por outros gêneros musicais. Posteriormente, em 2016, aos 17 anos, Luísa iniciou um relacionamento com o famoso humorista Whindersson Nunes e se casaram 2 anos depois. Com o início desse relacionamento, começaram os ataques que a perseguem até os dias atuais, ficando mais intensos quando se divorciaram em 2020.

A carreira de Luísa Sonza ascendeu ao lançar as músicas “Boa menina” e “Devagarinho”, que resultaram em milhões de visualizações nas plataformas digitais. Eram apenas os primeiros de muitos outros sucessos pop que a cantora lançou, mas o sucesso da cantora foi alvo de críticas e julgamentos da sociedade que apontava o sucesso como fruto do casamento com um homem famoso, desvalorizando toda sua trajetória profissional desde os 7 anos de idade. Após a separação, sem um motivo exposto ao público e no auge da carreira, Luísa Sonza foi linchada, julgada e acusada pelos internautas de que o motivo do divórcio seria uma traição por parte dela, associando o suposto acontecido com as roupas “vulgares” que ela usava em seus clipes e shows.

Sempre ao ser questionada sobre o seu relacionamento, Luísa já demonstrava incômodo ao se referirem a ela como “mulher do Whindersson”. Nesses momentos, ela sempre fazia questão de ressaltar que a sociedade tende a apagar a individualidade feminina em um relacionamento, como quando se pronunciou ao falar em uma entrevista ao programa Provocações, da TV Cultura, em 2019: “Quando você se torna mulher de alguém, sua história é apagada. Isso acontece com mulher, com homem nunca vai acontecer”.

Em outra entrevista, Luísa se posiciona sobre os ataques machistas resultantes da recepção por parte da sociedade sobre sua escolha de gênero musical e seu estilo sensual:

Por um tempo, eu até pensei assim: vou continuar fazendo cover, só com voz e violão, porque talvez cantando uma música lenta vejam que sou legal. E algumas pessoas realmente dizem: "Esses haters fazem isso porque ela é muito sensual, faz músicas apelativas ". Não! Isso começou quando eu tinha 17 anos. Eu já recebia ataques violentos antes mesmo de ser uma artista pop que usa muito o corpo. Não importa o que eu faça, a culpa é sempre minha, do meteorito que acabou com os dinossauros na Terra até a depressão do meu ex-marido. Quando entendi isso, falei: "Quer saber? Vou fazer aquilo que acredito que seja incrível, que vai representar musicalmente o que quero passarza (por redação Elle, 2021).

Como Luísa afirmou, os ataques começaram aos seus 17 anos, algo que remete bastante a quando Bentinho afirmava que Capitu era oblíqua e dissimulada desde muito jovem, apenas pelo seu jeito autônomo e seguro. A fala *“Não importa o que eu faça, a culpa é sempre minha, do meteorito que acabou com os dinossauros na Terra até a depressão do meu ex-marido.”*, de Luísa, também pode ser

relacionada à Capitu descrita como olhos de ressaca, a ressaca do mar que destrói tudo.

Esses ataques se intensificaram com o passar do tempo, mas principalmente quando a cantora assumiu um novo relacionamento. A postura de seu ex-marido, de não negar as acusações de traição e de fazer piada com o assunto em suas redes sociais, fizeram aumentar ainda mais os rumores da suposta traição e os ataques sofridos por ela.

Em 2023, após anos seguidos de ataques, Luísa lançou o documentário “Se eu fosse Luísa Sonza”, na Netflix. Em 3 episódios, a cantora expôs tudo o que sofreu durante esses anos, desde ataques na Internet quanto na rua, e expôs também áudios que recebia em seu instagram com ameaças de morte, que a fizeram sair do Brasil em busca de segurança. Além dos ataques, Luísa desabafa sobre como ficou sua saúde psicológica após todo o ocorrido, inclusive chegando a fazer uso do medicamento ansiolítico conhecido popularmente pelo nome comercial Rivotril.

Nesse documentário, além da participação de familiares e de sua equipe, que acompanharam e relataram as acusações e agressões verbais e psicológicas, contém também a participação de Whindersson, seu ex-marido, que, após anos sem se pronunciar e se posicionar sobre o assunto, esclareceu que partiu dele o pedido de separação devido estar enfrentando uma depressão. Logo, é perceptível que todas as tentativas da cantora negando as acusações por anos, desde antes da separação quando rebatia as acusações de estar em um relacionamento por interesse, quanto após a separação quando negou inúmeras vezes que tivesse sido infiel, não foram ouvidas, mas uma pequena fala de Whindersson foi o suficiente para amenizar os ataques.

Ainda, para ressaltar que uma atitude de infidelidade só é inaceitável quando cometida por uma mulher, mesmo que sejam meras acusações infundadas, o mesmo país que julgou e linchou Luísa, aplaudiu e colocou como herói o influencer Chico Moedas que traiu Luísa no relacionamento que tiveram em 2023. Usando como narrativa a questão de um homem vingar a honra de outro homem, foram criadas camisetas estampadas, músicas e vídeos em redes sociais que ironizavam a cantora e celebravam a figura de Chico, reforçando a naturalização da infidelidade masculina e a culpabilização da mulher, mesmo quando vítima.

Luísa Sonza e Capitu, principalmente no âmbito do relacionamento amoroso, podem ser associadas pela autonomia e força feminina em contextos marcados por julgamentos da sociedade: ambas foram acusadas e condenadas por uma traição sem provas, apenas por suas personalidades. É interessante analisar que Capitu não teve oportunidade de se defender ou de contar sua versão da história. Por outro lado, Luísa Sonza teve, mas, ainda assim, a sua verdade foi silenciada. Assim como Capitu, Luísa, na contemporaneidade, desafia padrões e expectativas sociais, sendo alvo de críticas por sua liberdade, enfrentando preconceitos e narrativas impostas pelo machismo ainda fortemente presente na sociedade.

É interessante também fazer um paralelo entre Whindersson, ex-marido de Luísa, e Bentinho. Embora em épocas diferentes, podem ser comparados pela forma como lidam com suas inseguranças e pela maneira como essas questões influenciam suas relações e percepções. Whindersson, humorista e artista contemporâneo, já abordou publicamente questões de insegurança, depressão e como isso impactou seus relacionamentos. Porém, embora não tenha acusado Luísa de traição como Bentinho o fez, não a defendeu e nem assumiu a sua culpa e o seu desejo da separação no momento em que deveria tê-lo feito, deixando Luísa a mercê de julgamentos, como se o fracasso de um casamento fosse responsabilidade unicamente da mulher.

6- Considerações finais

A análise de *Dom Casmurro* sob a crítica literária feminista permite compreender que a obra de Machado de Assis ultrapassa o enredo de um ciúme conjugal e do adultério. O intuito deste artigo não foi debater se Capitu traiu ou não Bentinho e, sim, revelar que independentemente de ter provas ou não, as forças estruturais patriarcais, que historicamente silenciaram as mulheres, as condenam até os dias de hoje pela visão masculina, sem direito de defesa. Assim, ao aproximar essa leitura da realidade atual, observa-se que a mesma lógica permanece viva, ainda que com roupagens diferentes, como demonstra a história e os desafios enfrentados por Luísa Sonza que, ao demonstrar autonomia, foi alvo de julgamentos precipitados e condenações sociais insustentáveis. Esse paralelo evidencia que a literatura não se restringe apenas ao campo ficcional, mas projeta questões que

atravessam séculos, desde a Roma antiga até os dias de hoje, com a permanência da desigualdade de gênero que segue moldando como a sociedade enxerga e controla as mulheres. Portanto, discutir *Dom Casmurro* hoje não é apenas revisitar um clássico do Realismo brasileiro, mas realizar um exercício crítico e contínuo de resistência, capaz de evidenciar injustiças históricas, debater narrativas patriarcais e reconhecer em vozes do presente, como a de Luísa Sonza, a importância de denunciar e problematizar os mecanismos de julgamento e condenação injusta das mulheres.

7- Referências bibliográficas

BEAUVOIR, Simone de. O Segundo Sexo: v.1. Fatos e Mitos e v.2. A experiência vivida; Tradução Sérgio Milliet. - 2.ed.- Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. 2v.

AZEVEDO, Sarah Fernandes Lino. O adultério, a política imperial, e as relações de gênero em Roma. 2017. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

ASSIS, Machado de. Dom Casmurro. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

GLEDSOON, John. Machado de Assis: impostura e realismo: uma interpretação de Dom Casmurro. Editora Companhia das Letras, 2019.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. Dom Casmurro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília, INL, 1975. Freyre.

CANDIDO, Antonio. Esquema de Machado de Assis. In: VÁRIOS Escritos. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas cidades/Ouro sobre azul, 2004.

GLEDSOON, John. Machado de Assis: Impostura e Realismo. São Paulo, Editora Companhia das Letras, 1991.

COLLING, Ana Maria. Tempos diferentes, discursos iguais: A construção histórica do corpo feminino. Mato Grosso do Sul, UFGD, 2014.

MASSAUD, Moisés. Machado de Assis: Ficção e Utopia. São Paulo, Editora Cultrix, 2001.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. História da literatura: questões contemporâneas. Caxias do Sul: Educs, 2010.

DE SOUZA, Jaime Luiz Cunha; DE BRITO, Daniel Chaves; BARP, Wilson José. Violência doméstica: reflexos das ordenações filipinas na cultura das relações conjugais no Brasil. Teoria & Pesquisa Revista de Ciência Política, v. 18, n. 1, 2009.

SOUZA, Ester Maria de Figueiredo. "Linguagem: incompletude, inacabamento e inconclusão em Paulo Freire e de Mikhail Bakhtin." (2008).

Se Eu Fosse Luísa Sonza. Direção: Isabel Nascimento Silva. Brasil: Conspiração Filmes e Hysteria, 2023. Série documental (3 episódios) exibida na Netflix.